

## Considerações acerca do iluminismo luso-brasileiro

Berty R. R. Biron

PUC-RJ

### Resumo

O século XVIII caracteriza-se pela primazia da razão e a consequente configuração de uma nova geografia do conhecimento. As transformações culturais, científicas e pedagógicas ocorridas na França e na Inglaterra estendem-se pelas fronteiras e chegam a Portugal, através dos eruditos padres Rafael Bluteau, Luís António Verney e Francisco José Freire, entre outros. A renovação que se processa em Portugal está em consonância com o espírito das luzes, que prima pela tendência à pesquisa da verdade, um saber de cunho racional, metodológico e experimental, em todas as áreas do conhecimento. Este artigo pretende tecer considerações a respeito da Ilustração no âmbito luso-brasileiro, por meio de exemplos colhidos nos autores citados e em fragmentos da prosa inédita de Santa Rita Durão. Nesses e em outros textos setecentistas, observa-se a recorrência das palavras: verdade, razão, método, clareza e luz.

**Palavras-chave:** Iluminismo luso-brasileiro; Bluteau; Verney; Freire; Durão.

### Abstract

The eighteenth century can be characterized by the primacy of reason and the consequent shape of a new knowledge's geography. The cultural, scientific and pedagogic changes that took place in France and England expanded on the borders and reached Portugal through the erudite priests: Rafael Bluteau, Luís António Verney and Francisco José Freire, among others. The renewal that Portugal was undergoing is in harmony with the spirit of the lights, which tends to search the truth, a rational knowledge, a methodological and experimental on all the wisdom's fields. This communication stands for some appreciations about the Portuguese-Brazilian Enlightenment, by means of examples taken from the production of the mentioned authors and some fragments that belong to Santa Rita Durão's unpublished works in prose. On those and in others texts of the seven hundred it is possible to observe the recurrence of the words: truth, reason, method, clarity, and light.

**Keywords:** Portuguese-Brazilian Enlightenment; Bluteau; Verney; Freire; Durão.

Ao iniciar conferência na Sala Acadêmica do Palácio da Anunciada, de D. Francisco Xavier de Meneses, quarto conde da Ericeira,<sup>1</sup> o padre Rafael Bluteau<sup>2</sup> (1728,

---

<sup>1</sup>O quarto conde da Ericeira, figura de destaque na vida política e cultural portuguesa desde o final do século XVII e até meados do século XVIII, era detentor de numerosos títulos, como o de Acadêmico dos Arcades de Roma e da Sociedade Real de Londres, entre outros títulos, anotados na folha de rosto de seu poema heroico, *Henriqueida*. Como salienta Norberto Ferreira da Cunha (2001, p. 68), são relevantes as notas de teor científico-natural acrescentadas ao texto, pela profundidade e riqueza dos conhecimentos, pelas referências a grandes mestres da física, por exemplo, demonstrando assim ser homem de grande erudição. Deve-se a ele, como afirma Rolando Morel Pinto (1988, p. 9), o “patrocínio das ‘Conferências

p. 170) assim se dirige à seleta plateia: “Senhores meus, valha a verdade, vença a justiça e triunfe a razão”. Essa e outras conferências aconteciam semanalmente por iniciativa do conde, também um erudito, tradutor da *Arte Poética*, de Boileau,<sup>3</sup> e autor, dentre outras obras, do poema épico *Henriqueida*, publicado em 1741, e em cuja “Advertência Preliminar” apresenta as regras da poesia épica.

É, sobretudo, no domínio estético que essa academia se consolida. Embora sua atividade predominante seja literária e filológica, a esses estudos aliam-se a indagação e o exame de matérias científicas. É curioso observar que o Conde da Ericeira não só escreveu um poema épico, mas se preocupou em acrescentar-lhe notas de caráter científico.

Trata-se do Século XVIII. A palavra mágica “luzes” percorre o século, que se notabiliza historicamente por grandes transformações, como a Revolução Industrial, a independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa. Nas ciências, adota-se o método cartesiano e a física de Newton. Na filosofia, o Experimentalismo inglês suplanta a Neoescolástica. No campo das letras, prevalece a poética de Boileau e a censura ao gongorismo que vigorava no século XVII. O pensamento iluminista propõe um mundo inteligível, explicável, verdadeiro,<sup>4</sup> justo e coerente com o progresso, a

---

discretas e eruditas’, que se realizavam no seu palácio” e a fundação da Academia portuguesa, em 1717, da qual se originou a Academia Real de História, em 1720.

<sup>2</sup>Nascido na Inglaterra, em 1638, mas educado na França, terra de seus pais, Rafael Bluteau frequentou o mesmo colégio (na cidade de La Flèche) onde estudou Descartes e as universidades de Roma, Verona e Paris. Sua obra mais conhecida e admirada, o *Vocabulário Português e Latino*, foi publicada de 1712 a 1728 em Coimbra. Aos oito volumes comumente indicados nas fichas catalográficas, juntam-se outros dois, suplementares – de acordo com informação encontrável na página da Biblioteca Mindlin (<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>) –, os quais acrescentam verbetes e enriquecem outros constantes do corpo principal da obra.

<sup>3</sup>A *Arte Poética* de Boileau, marco referencial do neoclassicismo francês em Portugal, destaca-se pela elegância, simplicidade e bom senso, características do ideal estético daquela Escola. Segundo Ofélia Monteiro (1963, p. 214), essa obra “representa o primeiro esforço sistemático feito no sentido de responder com uma nova concepção estética ao exagero, ao artifício e à fantasia desregrada, vigente na literatura coeva”.

<sup>4</sup>Veja-se o que observa Berenice Cavalcanti a respeito do conceito de verdade nos setecentos: “Consoante os princípios do Iluminismo, tratava-se de conhecer a natureza e a história como formas de conquista e de apropriação do mundo, sendo esta a face utilitária e pragmática com que se passou a conceber a razão e o sentido do conhecimento, diferenciando-se assim da noção tradicional da contemplação de verdades eternas. No caso do conhecimento histórico, buscava-se o estabelecimento da verdade em relação a fatos sobre os quais pairavam dúvidas, suspeitas de falsidade ou que se constituíssem em fontes de equívocos ou lendas” (CAVALCANTI, 1995, p. 58).

investigação científica, a busca por novos métodos de ensino. Razão e ciência são as “luzes” que caracterizam o século.

O homem letrado setecentista não é apenas um erudito com profundos conhecimentos de uma determinada disciplina, mas, nos termos da Enciclopédia Francesa, transita por todas as áreas do conhecimento, o que se pode confirmar através da leitura das conferências proferidas nas academias que proliferam no continente, a partir da França, da Inglaterra, da Alemanha e da Prússia. A multiplicidade cultural faz parte dessa Europa iluminada, em gradações desiguais ao longo do continente. Como sugere Ivan Teixeira (1999, p. 25), “não existiu apenas uma Ilustração, mas diversos matizes de um impulso comum rumo à superação do estado de coisas do século XVII”.

Chega a Portugal esse fluxo renovador, que instaura um cosmopolitismo de ideias, uma circulação de saberes científicos, literários e históricos. Apesar de não ter sido um dos principais geradores do pensamento ilustrado, Portugal é um dos primeiros países a iniciar as reformas. Nesse sentido, D. João V tem o cuidado de escolher assessores para promover a transição do pensamento conservador português para o pensamento “iluminado” dos enciclopedistas.

Esse clima de efervescência cultural e científica que toma toda a Europa leva estudantes a outros países do continente a buscar conhecimentos também na Holanda, Itália, Áustria ou Inglaterra, criando assim, em Portugal, a figura do “estrangeirado”, aquele que retorna das academias europeias, bem como o estrangeiro que se radica em Portugal, trazendo novas ideias, as “luzes” do século. É esse caráter de importação que vai constituir um dos traços marcantes da Ilustração portuguesa.

Consolidam-se, assim, no reinado de D. João V, as relações entre Portugal e França, centro gerador das “luzes”, contrastando com o caráter moderado da Ilustração portuguesa. Perante os demais países europeus, a Ilustração lusitana parece enquadrar-se no que o historiador francês Bernard Plongeron (apud NOVAIS, 1984, p. 106) denominou “Aufklaerung Católica”: “o esforço por harmonizar as inovações com a tradição”, como explica Fernando Novais.

O progresso cultural português exige um ensino compatível com o avanço científico e o momento histórico. Nesse sentido, D. José I, filho de D. João V, promove

Considerações acerca do Iluminismo luso-brasileiro

uma série de mudanças por intermédio de seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, o poderoso Marquês de Pombal. O “déspota esclarecido” rompe com o monopólio do ensino, até então concedido à Companhia de Jesus, e decreta a reforma da educação.

O rompimento definitivo com o ensino jesuítico<sup>5</sup> abre caminho para a Nova Universidade de Coimbra,<sup>6</sup> que passa a ser chamada de Universidade Restaurada. Com a renovação da estrutura, a mudança das instalações e a chegada de professores estrangeiros, Coimbra conhece intensa atividade científica, filosófica e cultural. Nessa mesma Universidade, estimula-se o entrosamento entre os estudantes portugueses e brasileiros, com vistas a preparar uma única elite luso-brasileira, moderna e ilustrada. Convém destacar que o crítico Wilson Martins (1977-78, p. 453) nomeia esse intercâmbio de *lampejos iluministas*, em sua obra monumental *História da inteligência brasileira*. Põe em destaque o fato de que no vasto território da América portuguesa não havia universidades, tampouco tipografias. Poucos livros chegavam da Metrópole, e as livrarias da Colônia eram, de fato, escassas. Mas, já se pode falar em pensamento de uma pátria política que “sorratamente penetra no espírito dessa geração” (MARTINS, 1977-78, p. 454). Escreve ainda esse autor: “as reformas pombalinas instauraram em Portugal e no Brasil o clima do Iluminismo”. Mais adiante, constata que, pelo fato de a história não ser linear, mas dialética, “o período chamado, com enorme latitude terminológica, de Iluminismo brasileiro tenha sido um período contraditoriamente caracterizado pela repressão contra as ideias ilustradas” (MARTINS, 1977-78, p. 454).

Paralelamente, entre as melhores produções do denominado “pombalismo poético”, encontram-se as de autores mineiros que já haviam vivido em Portugal e estudado em Coimbra, tais como Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Francisco de Melo

---

<sup>5</sup>O Marquês de Pombal, valendo-se do poder que lhe fora conferido como ministro pela Coroa portuguesa, extinguiu por decreto, em 1757, a Ordem dos Jesuítas e a expulsou tanto de Portugal quanto das colônias em 1759. Outros países europeus acompanharam esse procedimento, expulsando os jesuítas, como a França, em 1764, e a Espanha, em 1767. Tal foi o alcance desse movimento contrário aos jesuítas e a sua influência sobre a educação, que o Papa Clemente XIV acabou por ceder às pressões externas e extinguiu a Ordem, em 1773.

<sup>6</sup>Conforme esclarece Isabel Nobre Vargues (1982, p. 256; 258), “o Iluminismo teve no Portugal dos finais do século XVIII e concretamente na reforma universitária de 1772, uma aplicação cultural legalizada pelo Marquês”. Por meio de seu projeto renovador, especificamente no que concerne à Universidade de Coimbra, Pombal pretendeu associar o ensino universitário ao progresso científico.

Franco, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto.<sup>7</sup> Convém ainda assinalar o retorno àquela Universidade, como docentes, de alguns mineiros, entre os quais também se encontra frei José de Santa Rita Durão.<sup>8</sup>

### **Razão, método, clareza e verdade**

Essa renovação ocorrida em Portugal deveu-se particularmente às obras dos eruditos: padre Rafael Bluteau, Luís António Verney,<sup>9</sup> também denominado “padre barbadinho”, e Francisco José Freire, padre oratoriano, mais conhecido como Cândido

---

<sup>7</sup>No período denominado “Pombalismo literário”, destacaram-se: Basílio da Gama, com o épico *Uraguai*, que aborda a luta contra os jesuítas; Silva Alvarenga, com *O desertor*, sobre a reforma da universidade; Francisco de Melo Franco, com *O reino da estupidez*, em que o autor se manifesta contrário ao reinado de D. Maria I. A estas obras Antonio Candido acrescenta poemas ilustrados de Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, “formulando a teoria do bom governo, apelando para as grandes obras públicas, louvando o governante capaz: Pombal, Gomes Freire de Andrada, Luís Diogo Lobo da Silva” (CANDIDO, 1981, p. 69). Como observam historiadores e críticos da literatura brasileira, os poetas árcades desse período seguiram os preceitos do Arcadismo europeu, em poemas cuja ambiência natural propunha o retorno à natureza e à simplicidade. Alguns tiveram seus nomes ligados à Inconfidência, tendo sido, por isso, conhecidos como “Poetas da Inconfidência”: Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, este autor das *Cartas chilenas*, sátira feroz ao governador Cunha Meneses.

<sup>8</sup>Em 1722, nasce Frei José de Santa Rita Durão, com o nome civil de José Luís de Morais, no local hoje conhecido como Santa Rita Durão, no atual município de Mariana, em Minas Gerais. Aos nove anos, vai estudar em Lisboa, no Convento de Nossa Senhora da Graça, no qual, aos 16 anos, professa tomando o nome de José de Santa Rita Durão. Em Coimbra, cursa Filosofia e Teologia, matérias em que mais tarde obtém o grau de doutor. Em 1759, a pedido de D. João de Nossa Senhora da Porta, bispo de Leiria, frei José escreve uma *Pastoral* contra os Jesuítas. Depois desse episódio, passa a sofrer hostilidades do Provincial, o que leva o frade poeta a afastar-se não só do convento como também de Portugal. Peregrina por diversos países, até chegar a Roma, onde obtém audiência com o Sumo Pontífice, Clemente XIII, ocasião em que lhe apresenta retratação, mostrando-se arrependido pelas injúrias contidas na *Pastoral*. A morte de D. José I e a conseqüente queda de Pombal trazem de volta os expatriados de Portugal, entre os quais Durão, em 1777. No ano seguinte, obtém a cátedra de Teologia na Universidade de Coimbra, onde pronuncia uma notável aula inaugural. Três anos depois, a 27 de julho de 1781, vem a lume talvez sua obra mais significativa – *Caramuru poema épico do descobrimento da Bahia*. Durão falece a 24 de janeiro de 1784, em Lisboa (cf. BIRON, 2008, p. 344-347).

<sup>9</sup>Luís António Verney (1713-1792), iluminista estrangeirado e um dos principais mentores das Luzes no Portugal pombalino, nasce em Lisboa e morre na cidade de Roma. Estuda no Colégio Santo Antão dos Jesuítas, em Lisboa, e mais tarde Filosofia, na Casa da Congregação do Oratório, onde também cursa Lógica, Física e Metafísica. Obtém o grau de licenciado em Filosofia pela Universidade de Évora, na qual deveria também formar-se em Teologia, o que não aconteceu em decorrência de interrupções durante o curso. Em 1736, parte para Roma, onde frequenta meios letrados e se dedica à leitura das obras que marcaram a grande mudança ocorrida no século XVIII. Verney tem a intenção de iluminar pedagogicamente a nação portuguesa. Desse modo, empenha-se em trabalhar numa reforma pedagógica adaptada à realidade do país. Influencia a Reforma da Universidade de Coimbra, causando assim impacto na comunidade letrada lusitana.

O *Verdadeiro Método de Estudar* lhe confere destaque na história da cultura portuguesa. Essa obra – um projeto de reforma do ensino em Portugal – prima pela renovação pedagógica e cultural, além de constituir crítica aos métodos de ensino dos Jesuítas.

Considerações acerca do Iluminismo luso-brasileiro

Lusitano, entre outros. Façamos então uma brevíssima visita à decisiva contribuição desses autores no processo de integração de Portugal ao contexto do Século das Luzes.

Frade de origem francesa, Rafael Bluteau apressou a divulgação do enciclopedismo em Portugal com a publicação, em oito volumes, do *Vocabulario portuguez e latino*. Em sua elaboração, consultou cerca de trezentos autores portugueses com o objetivo científico de autenticar os vocábulos. Além de abranger toda a ciência da época, o que aproxima a obra do que se pode hoje chamar de dicionário enciclopédico, Bluteau oferece a etimologia das palavras, chegando às origens grega, hebraica, latina e árabe. Somam-se à riqueza dessa obra citações bíblicas e latinas, que a tornam uma das principais bases da nossa lexicografia, em que se espelhou Antonio de Moraes Silva para a elaboração de seu dicionário, publicado em 1789. O *Vocabulario portuguez e latino*, de Bluteau, publicado em 1721, pode assim ser considerado a fonte primeira da qual procedem todos os dicionários modernos em língua portuguesa.

Outro grande renovador dos estudos lusitanos: Luís António Verney, o pedagogo mais famoso da época. Formado em Teologia e Artes, parte para a Itália, onde entra em contato com as ideias iluministas e se torna membro da Arcádia Romana. Sob o pseudônimo de Padre Barbadinho, publica o *Verdadeiro método de estudar*, obra que corresponde ao seu vasto e ambicioso plano de reforma do ensino em Portugal, nos seus vários níveis e setores. O título completo revela o projeto de seu autor: *Verdadeiro método de estudar para ser útil à República e à Igreja, proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal*. Organizada em dezesseis cartas, a obra contempla desde a gramática e a ortografia da língua portuguesa, passando pelas gramáticas latina, grega e hebraica, até a Retórica, a Poética, a Filosofia, a Lógica, a Metafísica, a Ética, a Medicina, a Jurisprudência, a Teologia e o Direito Canônico.

Em virtude dos métodos de ensino que pretende renovar, Verney faz uma crítica severa à Retórica vigente no século XVII, de certa forma responsável, segundo ele, pelos maus efeitos do ensino. Se anteriormente dava-se mais valor e destaque aos recursos estilísticos, agora cabia privilegiar a utilização de argumentos lógicos e bem organizados, de “razões fortes e bem dispostas”. Para Verney, a experiência e a razão constituíam o fundamento de toda a verdade.

Ao examinar a Retórica de Verney, localiza-se a *Arte de persuadir*, entendida como parte essencial à comunicação entre as pessoas. Segue pequeno trecho que elucida a matéria:

Para persuadir, quer-se em primeiro lugar boa Lógica, que dê os verdadeiros ditames para julgar bem; em segundo lugar, um juízo claro que os execute. Sem estes primeiros princípios, são supérfluos todos os ditames. Da Lógica, em seu lugar falaremos. Descendo pois ao particular, digo que só a *verdade* ou *verossimilidade* é a que pode persuadir um homem, e é aquela valente arma com que nos acomete a razão. Ninguém deixa de se persuadir de uma verdade clara [...]. Assim que só a verdade é a que persuade, quando se lhe dá atenção [...] o Orador, porém, descobre e manifesta o erro, e põe a verdade em toda a sua luz. (VERNEY, 1950, p. 142-143)

Na sequência de Bluteau e Verney, apresenta-se Francisco José Freire,<sup>10</sup> que, além de escrever *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, publica a *Arte poética* ou *Regras da verdadeira poesia*. No prólogo de seu livro, menciona que Luís António Verney, no *Verdadeiro método de estudar*, ressalta a falta de uma poética para orientar os poetas de língua portuguesa. Provavelmente, pensando em suprir tal lacuna, Freire publica a *Arte poética*, em que associa os conceitos de beleza, luz, verdade e clareza: “A beleza consiste naquela luz, com que a verdade aparece brilhante, e ornada; e esta luz não é outra cousa senão a brevidade, ou clareza, a energia, a utilidade, e outras circunstâncias, que podem acompanhar, e fazer bela a verdade” (FREIRE, 1759, p. 54).

---

<sup>10</sup>Francisco José Freire (1719-1773), também conhecido na Arcádia de Lisboa como Cândido Lusitano, nasce em Lisboa e inicia os seus estudos no Colégio de Santo Antão com os jesuítas. Em seguida, estuda com os teatinos, na casa de São Caetano. Conclui sua formação em Humanidades, tornando-se, paralelamente, padre oratoriano.

Sua obra a *Arte poética ou Regras da verdadeira poesia* (1759) faz parte do projeto de atualização do ensino português, que, lentamente, se transfere dos jesuítas para os oratorianos. Desde o início do século XVIII, a Congregação do Oratório vinha disputando o domínio da escola portuguesa com os jesuítas.

A sua *Arte poética* se destaca pela preocupação com os princípios de clareza, ordem e elegância, nos quais se baseia o ideal de perfeição e beleza em poesia. E foi entendida como um manifesto, tanto pelos poetas portugueses quanto pelos brasileiros. Essa obra revelou-se fundamental no processo da formação do Neoclassicismo português. Segundo Ivan Teixeira (1999, p. 120), a *Arte poética* constitui “peça basilar na produção dos encômios do período neoclássico em Portugal”.

Cândido Lusitano também escreveu: *O secretário portuguez cómodo à intrução da mocidade confirmado com selectos exemplos de bons autores* (Lisboa, 1745); *Vieira defendido* (Lisboa, 1746); *Ilustração crítica...* (Lisboa, 1751); *Arte poética de Quinto Horácio Flacco* (Lisboa, 1758); *Dicionário poético para uso dos que principiam...* (Lisboa, 1765); *Reflexões sobre a Língua Portuguesa* (Lisboa, 1842).

## Considerações acerca do Iluminismo luso-brasileiro

Era preciso, então, que a verdade fosse bela e que se mostrasse como fundamento da poesia. Ao destacar, mais adiante, que “sempre algum *verdadeiro* serve de fundamento às invenções poéticas e que estas não podem ser belas, quando não nos fazem apreender alguma verdade, ou certa, e evidente, ou também possível, e verossímil”, Freire (1759, p. 73) agrega ao conceito de poesia a verdade, não apenas como substrato essencial, mas também como produto, resultado de um processo cognitivo desencadeado pela leitura de um poema. É o aspecto utilitário e até didático da poesia, comprometida com a verdade nos diversos campos do saber. Assim ele parece sintetizar seu pensamento sobre a participação da verdade na poética:

Todos os dias nos mostra a Poesia mil pedaços de História, de Geografia, de Filosofia, e de outras ciências, e Artes; mil descrições de lugares, de rios, de animais, e de outras cousas, que são verdadeiras; antes pela maior parte os conceitos de que ela usa, contêm a verdade evidente, e real. O resto das outras invenções, e descrições dos outros sucessos, e conceitos, que ela nos faz ver, e ouvir, e que industriosamente finge, contêm, ou deve conter o *verdadeiro* possível, crível, e provável. (FREIRE, 1759, p. 73)

Na poesia, em sua vertente épica, o século XVIII também oferece excelentes exemplos da assimilação da “luz” que se irradia de modo diferenciado, mas marcante, em todos os conhecimentos. Nela se destaca, entre outros, frei José de Santa Rita Durão, cuja obra mais conhecida – *Caramuru poema épico do descobrimento da Bahia* – alcança à época, uma primeira edição com dois mil exemplares. Mas não é desse épico que iremos falar hoje. Há um Durão prosador, ensaísta, em cujos textos, inéditos, encontram-se algumas passagens ilustrativas de sua inserção no Neoclassicismo, embora na obra poética conserve resquícios do barroco.

No trecho a seguir, extraído da *Dissertação histórico-crítica sobre aqueles fatos que dizem respeito à era hispânica*, ainda inédita, observa-se a preocupação de Santa Rita Durão com a metodologia de trabalho, com estratégias de expressão verbal num texto que abrange múltiplos conhecimentos, fato bastante comum entre os eruditos setecentistas.



[...] tentarei empreender duas tarefas, a primeira para atender simultaneamente a clareza e a verdade, a segunda para não abandonar um método preciso. Zelarei pela clareza se investigar a história com discernimento, se fizer os cálculos com exatidão, se solucionar as dificuldades surgidas com brevidade. A regra de uma crítica mais rigorosa satisfará a verdade, a qual eu subscrevo. (DURÃO, 1760)

Na *Dissertação histórico-crítica sobre a era hispânica*, Durão mostra-se senhor de uma retórica congruente com os princípios da linguagem setecentista, em que sobressai a clareza, pela predominância da ordem direta, entre outros recursos. Nessa dissertação, avulta o rigor técnico com que discorre sobre a etimologia da palavra “era”, demonstrando um saber histórico invulgar da língua portuguesa e de sua gênese, bem como do latim, do grego, do hebraico, e ainda um saber muito apurado no campo da investigação filológica, para o qual emprega metodologia que se pode chamar científica. Toda essa digressão a respeito da acurada e minuciosa pesquisa empreendida por Durão parece-nos explicitar em que medida ele se posiciona entre os “iluminados” – não só pela erudição, mas pelo trabalho incansável em busca da luz da verdade, por meio da qual se pode chegar, por exemplo, a compreender o verdadeiro sentido do termo “Era hispânica”.

Convém lembrar que, no século XVII, a estética barroca, na sua essência, tendia a impressionar fortemente os sentidos, valendo-se, para isso, de uma linguagem não linear, em que a verdade parecia ocultar-se sob as dobras de expressões ornadas de preciosismos, de frases extensas e, por vezes, tortuosas. Já no século XVIII, há uma valorização estética do discurso em que prevalecem a clareza e a racionalidade, em consonância com o espírito das luzes, que prima pela tendência à pesquisa da verdade, um saber de cunho racional, metodológico e experimental. Eis aí, para os Iluminados, a chave para o progresso e o bem-estar da humanidade.

Diante dos aspectos que pontuamos neste artigo, vale a pena refletir sobre o que eruditos como Bluteau, Verney, Freire e Durão pretendiam enunciar com as palavras: verdade, clareza, brevidade, razão e luz. Esses termos fazem parte integrante do discurso setecentista e constituem conceitos recorrentes do pensar e do fazer nas diferentes áreas do conhecimento.

### Referências

- BIRON, Berty R. R. *Tradição e renovação no poema épico Caramuru*. 1998. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras, PUC-RJ, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. Luzes, razão e fé em *Caramuru*. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Épicos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- BLUTEAU, R. *Prosas portuguesas, recitadas em diferentes congressos academicos*. Lisboa: J. A. da Silva, 1728.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 v.
- CAVALCANTI, Berenice. Os letrados da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII, *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 53-66, jan.-dez. 1995.
- CUNHA, Norberto Ferreira da. *Elites e acadêmicos na cultura portuguesa setecentista*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.
- DURÃO, Frei José de Santa Rita. *Dissertação histórico-crítica sobre aqueles fatos que dizem respeito à era hispânica*. Trad. do latim por Edson Molinari. Collectio Institutionem Academiae Liturgicae Pontificiae Exhibens, Atque lucubratione sannii 1758. Collimbriae: Ex Praelo Academiae Pontificiae, MDCCLX (1760).
- FREIRE, Francisco Joseph [Candido Lusitano]. *Arte poetica ou regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas especies principais, tratadas com juizo critico: Composta por [...], Ulyssiponense*. 2. ed. [Dois volumes.] Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX (1759) [Com as Licenças Necessarias].
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78.
- MONTEIRO, Ofélia M. C. Paiva. *No alvorecer do "Iluminismo" em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º conde da Ericeira*. Coimbra: Coimbra, 1963.
- NOVAIS, Fernando A. O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 7, p. 105-118, mar. 1984.
- PINTO, Rolando Morel. *História da língua portuguesa*. IV. Século XVIII. São Paulo: Ática, 1988.
- TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- VARGUES, Isabel Nobre. A Ode a Fileno e a Reforma da Universidade de 1772, *Revista de História das Ideias*, Coimbra, v. 4, tomo II, p. 255-284, jul.-dez.1982.
- VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar*. Org., pref. e notas de António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, 1950. (Estudos literários, v. II).
- \_\_\_\_\_. *Verdadeiro método de estudar: cartas sobre retórica e poética*. Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires. Lisboa: Presença, 1991.

### Minicurrículo

Berty R. R. Biron é graduada em Letras Modernas (1974), mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988) e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998). Prefaciou o texto de *Caramuru poema épico do descobrimento da Bahia*, composto por Frei José de Santa Rita Durão, para o volume *Épicos* (São Paulo: Edusp, 2008). É membro do Polo de

*Berty R. R. Biron*

Pesquisas Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Tem experiência na área de Letras, com ênfase na literatura luso-brasileira setecentista.